

PEDAGOGIA DE MURAIIS: A ARTE-EDUCAÇÃO DE NAIGLEISON SANTIAGO¹

Francisco José Silva Calixto

Poeta, Cientista Social (UECE) e Mestre em Educação (FACED/UFC).
(dedhamcalifa@yahoo.com.br)

Resumo

Arte e Educação possuem uma sinergia intensa. Este artigo aborda a experiência estética e pedagógica do historiador e artista plástico, Naigleison Santiago, refletindo sua práxis e sua pedagogia de murais, nas suas incursões na Universidade Federal do Ceará, em Benfica, na Fortaleza cidade, na quadra contemporânea.

Palavras-Chave: Arte e Educação; Pedagogia de Murais; Naigleison Santiago.

Abstract

Art and Education possess an intense synergic. This article approaches the experience aesthetic and pedagogical of the historian and plastic artist, Naigleison Santiago, reflecting its praxis and its pedagogic of wall, in its incursions in the Federal University of the Ceará, in Benfica, Fortaleza city, in squares contemporary.

Key-Words: Art and Education; pedagogic of wall; Naigleison Santiago.

As Marcas da Introdução

Onde o Homem passou e deixou marca de sua vida e inteligência, aí está a História.²

Fustel de Coulanges

O entorno deste artigo repleto de Etnocenologia³ em seu conceito, bem como, nas cercanias de suas vastas áreas de pesquisa, tem por desígnio tão-somente pensar a arte-educação de Naigleison Santiago. Nosso personagem, em sua práxis educativa, é historiador, graduado pela Universidade Federal do Ceará, professor em diversas instituições do saber e artista plástico, com inúmeras obras pictóricas espalhadas por todos os confins do Benfica e noutros bairros dessa Fortaleza da Gente, mais selvagem do que bela, nesta primeira década do Séc. XXI ao princípio deste 3^o milênio.

Uma de suas obras está situada no *hall* de entrada da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Ceará, após um portal azul *Jacque*. Defronte às cadeiras de uma espera à Calvino (1990), pode-se observá-la amiúde. Trata-se de um mural que desperta atenção tanto de discentes, quanto de docentes e doutros que visitam aquela prestigiada IES. Esse mural apresenta este artista, sua arte-educação, sua pedagogia e cosmovisão.

106



Figura 1 – Mural no *hall* de entrada da FACED/UFC.

Foto – Eduardo Machado.

O mural em tela, medindo 4,45 x 2,25m, aponta para todos os possíveis diálogos, justo na mente dos tantos que circulam em busca de saberes e fazeres nessa dialógica faculdade. A gênese desse mural deu-se sob os auspícios do *Pintando o Sete na FACED*. Tratou-se de um evento de natureza estético-lúdica, na breve gestão do Coordenador do Curso de Pedagogia, Prof. Dr. Gerardo Vasconcelos, e que reuniu na Faculdade de Educação os mais variados estilos das artes pictóricas do Benfica e doutros mundos, num sábado de 19 de junho de 2004. Naquela ocasião, trabalhos diversos foram produzidos nas paredes e muros daquela conceituada Faculdade de Educação, sem deixar de causar, intempestivamente alguma polêmica, em especial, uma imagem de excrementos abaixo da placa acadêmica dos graduados pedagogos.

O mural de Naigleison Santiago (Figura 1), não resta qualquer dúvida, foi o mais significativo da amostra e produção daquele dionisíaco acontecimento estético facediano em 2004. Pode-se afirmar que revela as evidências da proposta e do processo criativo, da visão de mundo do artista em foco e, mais a mais, duma pedagogia de murais explícita. Conceituamos por pedagogia de murais uma ação educativa que envolva a comunidade na qual o mural e o artista plástico estão inseridos numa perspectiva dialógica, memorialista e auto-reflexiva no fazer da história. Consiste aquela numa forma de práxis educativa itinerante que estimula o desejo por saberes incessantes, aqui e alhures. Ademais, sem embargo, situa-se na perspectiva da arte pública. O professor de história da arte brasileira na ECA-USP, também curador e crítico de arte, Tadeu Chiarelli, assinala que:

[...] “arte pública” é o conjunto de obras que deve pertencer a uma determinada comunidade, estar disponibilizada aos elementos que a constituem. Tal conjunto deve estar disponibilizado em museus e espaços de passagem (ruas, parques etc.), não apenas por meio de sua exposição, mas também através de serviços educativos que as tornem mais efetivamente claras para o público – seu proprietário.⁴

Fôra nesses espaços de passagem que, como bem observa Chiarelli, nos veio o desejo de iniciarmos essa pesquisa. Isso remonta por volta do ano 2.000, durante nosso mestrado⁵ em Educação Brasileira, pelo Núcleo História, Memória e Política Educacional, orientado pelo Prof. Dr. José

Gerardo Vasconcelos, no Programa de Pós-Graduação em Educação. Sem embargo, foi-se *adelante*, quando de Etnocnologia e da observação participante do processo criativo do personagem em foco. Prolongou-se ainda com as primeiras sistematizações, com incipientes registros etnocnológicos de seu estilo já nomeado de cangaceirismo-estético⁶. Estendeu-se depois no ofício do historiador aprendiz, usuário que sou e estou, com o uso e por vezes abusos de fontes diversas (primárias e secundárias). Sobretudo, no *métier* da pesquisa de enfoque sociológico e histórico com o enquadramento e análise dos murais que se encontram em diversos equipamentos públicos sócio-educativos do Campus do Benfica, em capas de livros, em camisetas de memórias diversas. Por fim, nesta sistematização última que se limitou à análise de 03 (três) murais que consideramos emblemáticos.

A seleção dos trabalhos de Naigleison residiu em três murais (Figura 1, Figura 2 e Figura 3), aportados em espaços diversos da Universidade Federal do Ceará, por conta da diversidade dos lugares de memória da retromencionada universidade. Desse modo, procedeu-se a uma associação de idéias sob a brisa suave, em que o universo-amostra pudesse evidenciar o que nomeamos de uma pedagogia de murais. O conceito de pedagogia de murais consiste na possibilidade de um diálogo imagético expresso numa forma de práxis educativa itinerante que contagia todos aqueles que tenham contato sensível, num olhar de desencantamento com mundo e no desejo intempestivo por saberes incessantes.

Nesse território discursivo e imagético é que pretendemos focar nossa reflexão. Nosso desiderato é pensar, no contexto da trajetória do artista plástico, Naigleison Santiago e seu *locus* por excelência – o Benfica, e assim pensar a existência e constituição de uma pedagogia dos murais. Para lograrmos êxito, dividimos em três partes distintas essa breve comunicação, além desses prolegômenos. A primeira destinada à contextualização do caldeirão cultural em que se deu a formação desse artista plasmado nos aprendizados da, e na rua, nos becos e avenidas, dessa Fortaleza cidade, com diálogos locais e universais. A segunda e terceira seções dedicam-se a análise da produção e circulação de imagens dos murais, em especial, pensar a trajetória do artista supracitado. Por fim, noutra associação de idéias sob brisa suave, pensar as suscetibilidades, os diálogos, as sociabilidades e a transversalidades possíveis desta pedagogia de murais em curso, aqui e alhures, pelo Benfica contemporâneo.

Vertentes, Trajetória e Benfica

Os murais de Naigleison Santiago estão ligados à vertente do grafite, nesta esteira da História da Arte que situaremos logo mais abaixo. Penso que o legado de sua arte para o Benfica ainda está a ser pensado para além de uma hermenêutica estético-histórica que tão-somente pontuamos nesse diálogo intertextual. O reconhecimento acerca da importância do ambiente cultural é nossa hipótese que, de todo modo, estimulou a gestação da pesquisa com o supracitado artista plástico. As reflexões sobre o Benfica são as mais diversas com registros que compreendem os vastos campos das áreas da Literatura, História, Geografia, Educação e Etnocologia, dentre as quais, sublinhamos esse fragmento do ensaísta e cronista Nascimento Filho (2002).

Pois bem, a Universidade. É a ela que se deve o segundo argumento que considero justo para esclarecer o mistério do Benfica. É nesse bairro onde se concentram as principais escolas de Humanidades do Estado. Diversos estudantes e professores precisam viver ali pela proximidade das atividades acadêmicas. Muitos não vivem no bairro ou vivem de outra forma.⁷

109

Noutra reflexão, para enfatizar a caracterização antropofágica, nessa modernidade líquida do Benfica, Vasconcelos Júnior (1999) assinala em sua dissertação de mestrado, através do estudo do Bairro do Benfica,

a partir de seus moradores, movimentos, grupos e associações, onde se percebe que mais que qualquer lugar da nossa cultura, o bairro é o espaço que fala da nossa experiência emocional, muito além da simples identidade, uma auto-referência da vida social.⁸

Nesse espaço-tempo antropofágico da modernidade líquida das coisas de cidades, do “velho” com o “novo”, é que Naigleison Santiago ingressa no curso de História da Universidade Federal, em 1997. No *campus* do Benfica e no seu entorno prolongou-se sua história, sua graduação e *Daisen*. Havia feito anteriormente sua primeira graduação no meio-do-mundo, graduando-se nas artes e manhas das ruas dessa Fortaleza cidade, já tão selvagem e bela, na última década do breve Séc. XX que bem assinala Eric Hobsbawm (1995).

A juventude dos anos 90, de diversas camadas sociais, protagonizou os espetáculos das ruas, dignos de Enocologia, com a arte do grafite/pichação, relativizando a violência juvenil. O grafitismo é rebeldia latente, assim como as pichações que ganharam os espaços da cidade, e a rebelde juventude dos 90 a visibilidade urbana. As marcas de que nos fala Fustel de Coulanges, onde se localiza a história. (vide epígrafe).

Mui antes do surgimento do grafite, um importante movimento de arte pública aconteceu no México, em princípio do século passado. O movimento Arte Muralista ou Muralismo Mexicano, no qual artistas projetaram e executaram murais em lugares públicos. A referência é a pintura mexicana da primeira metade do século XX. A pintura de murais, narrando a história do país e exaltando o fervor revolucionário do povo, assim destaca-se como projeto educativo e cultural do México. O artista plástico Diego Rivera (1886-1957) foi um dos principais expoentes do muralismo mexicano.

A História da Arte evidencia toda a potência memorialista da arte muralista no campo da arte-educação. A arte pictórica e a história, mais particularmente o Expressionismo, têm celebrado e postergado à posterioridade uma série de inúmeras *persona* artistas. O principal precursor desse movimento foi o pintor holandês Vincent Van Gogh (1853-1890) que com seu estilo singular, já manifestava através de sua arte os primeiros sinais do expressionismo. O expressionismo de Van Gogh serviu como fonte de inspiração para diversos pintores, dentre eles, Érico Heckel, Francisco Marc, Paul Klee, George Grosz, Max Beckmann, dentre outros. Pablo Picasso (1881-1973), artista plástico espanhol, também se dedicou à arte mural. Entre suas mais importantes obras destacam-se: "Guernica", uma maneira que o artista encontrou de expressar os horrores da Guerra Civil Espanhola e "Paz" e "Guerra", potentes murais de Picasso.

Os murais, conceitualmente, apresentam freqüentemente as preocupações, esperanças, valores e as memórias da comunidade onde as pinturas murais são pintadas. Eles não são como outras obras de arte, têm um objetivo diferente, uma espécie distinta de efeito sobre as vidas daqueles que a percebem cotidianamente. A arte de murais é arte pública no melhor sentido da acepção, porque realmente é criada em público, com a comunidade que a olha, observa-a, sensibiliza-se e co-produz. Nessa perspectiva, a boa arte pública sempre diz algo da comunidade, pois re-apresenta o que somos, o que pensamos, de onde viemos, como vivemos, bem como nossos desejos e memórias. São os registros de lu-

gares de memória numa ação pedagógica por excelência, porquanto diz essas coisas de uma maneira que cada um pode compreender e gostar, pois provoca nossos sentidos. Compreendemos por arte pública a arte que está na rua, inserida na cidade, como um elemento da cidade, e não na cidade. É aquela que está nos seus espaços públicos diversos, como âncora na sua história, na história social de sua população. E que, sobretudo, realize uma provocação no olhar do observador, que possibilite uma experiência estética com os sentidos do diálogo.

Segundo os historiadores da arte, a pintura mural difere de todas as outras formas de arte pictórica por estar profundamente vinculada à arquitetura e à cidade. Nessa técnica, o emprego da cor e do desenho e o tratamento temático podem alterar radicalmente a percepção das proporções espaciais da construção. O Muralismo é a arte da pintura mural, que engloba o conjunto de obras pictóricas realizadas sobre paredes e muros. A técnica de uso mais generalizado é a do afresco, que consiste na aplicação de pigmentos de cores diferentes, diluídos em água, sobre argamassa ainda úmida.

No Brasil, as influências do muralismo mexicano podem ser sentidas na obra de Di Cavalcanti (1897-1976) Candido Portinari (1903-1962). Este último associou a pesquisa de temas nacionais, com forte acento social e político, em trabalhos como *Mestiço* (1934), *Mulher com Criança* (1938) e *O Lavrador de Café* (1939). Nas décadas de 1940 e 1950, o artista realiza diversos projetos para painéis: *Catequese dos Índios* (1941), para a Library of Congress [Biblioteca do Congresso] em Washington D.C., *Jangada do Nordeste* (1953) e *Seringueiro* (1954).

Por demais longa digressão, voltemos ao artista plástico do rio que passa em nossa aldeia. Sem embargo, do grafitismo/pichação das ruas da Fortaleza cidade ao muralismo em Benfica, passando por outras técnicas diversas, eis a trajetória e a formação de Naigleison Santiago, bem como, de outros artistas plásticos, da geração dos anos 90, em todo Brasil. Numa observação participante, de braços dados com a Etnocologia e ventos a favor dessas metodologias estonteantes, foi que estivemos acompanhando Naigleison Santiago, quando este realizara uma oficina na Comunidade dos Cocos, na Praia do Futuro, Fortaleza em 07/06/2008, pelo Projeto Historiando.⁹ Naquela ocasião, pudemos constatar, mais uma vez em *locus*, o exercício da pedagogia de murais. Numa tarde ensolarada de sábado, crianças, adolescentes e adultos, de ambos os sexos, eram contagiados pelo processo pedagógico-criativo de intensidades exponenciais.

E ali nos muros, a história da comunidade. As suas marcas deixadas no tempo, os seus lugares de memória no farol a iluminar suas lutas e desejos, sob os coqueirais, estampadas nos muros, no bairro, na cidade e no meio do mundo. Eis a arte muralista explícita e a pedagogia dos murais de Naigleison Santiago.

A seleta dos trabalhos de Naigleison Santiago, como já mencionamos, residiu em três murais (Figura 1, Figura 2, Figura 3). Com recurso da fotografia digital procedeu-se a uma outra associação de idéias sob a brisa suave, para que martelassem as evidências do que nomeamos de uma pedagogia de murais. Observemos a percepção de uma das pessoas envolvidas na pesquisa, que foi contagiada ao observar a Figura 1:

A primeira vez em que vi, numa quinta-feira véspera de feriado, fiquei deslumbrada. Aproximei-me do mural, naquele fim de tarde e início de noite e observei completamente embriagada pela emoção. Parecia com escolinha que eu tinha visitado em Redonda. Eu me senti lá novamente!¹⁰

Imagens, Análises e Escambos

A segunda imagem (Figura 2), o mural então apostado no Pátio de História, no entorno dos cursos de Psicologia e Comunicação Social, sublinha o estilo do “cangaceirismo estético” do artista plástico em foco. Com a reforma em curso realizada na Área-2 do Centro de Humanidades, a parede já foi abaixo. O mural, medindo cerca de 2,5 x 2,20 m, fôra produzido ainda quando o artista plástico era graduando em História. A plasticidade se impõe por uma imagem que sublinha a historicidade do cangaço. Lampião, com óculos escuros olhando de cima lajedo todo o tempo histórico. Maria Bonita, na delicadeza da caatinga, observa o horizonte da história. Ambos os personagens, acompanhados por um cachorro fagueiro contemplam o mundo sob os mandacarus e sol escaldante. É recorrente à alusão ao mais destacado casal do cangaço na obra de Naigleison Santiago.

Na entrevista¹¹ com o artista plástico, ele reportou-se acerca dessa recorrência imagética ao universo memorial do cangaço. Nos diálogos rememorou que tudo começou no curso de História, com a leitura da obra de um *brazilianista* sobre o Lampião e Maria Bonita, bem como



Figura 2 – Mural no pátio do Curso de História/UFC.

Foto – Eduardo Machado.

de outros personagens do cangaço. O que nos parece é que há uma identificação, dentre as diversas identificações que nos são possíveis, do muralista com o fenômeno do cangaceirismo e toda a história oficial e marginal que gira em torno do casal histórico, sua trajetória e significações na historiografia acerca do cangaço. Nesses fragmentos, Naigleison Santiago assinala que,

Eu me lembro que durante minha graduação em História tive contato com diversos livros sobre o cangaço, dentre eles cito o livro *Lampião: o rei do cangaço* de Billy Jaynes Chandier. Daí com bastante leitura sobre o assunto e fotos diversas, ficou fácil para mim a composição das imagens.

A então localização¹² desse mural, na encruzilhada da História, da Psicologia e da Comunicação Social, nas proximidades do NUDOC/

UFC, está a carecer de uma explícita semiótica e/ou duma hermenêutica generosa que está além de nossa carta de intenções neste artigo. Os transeuntes, docentes e discentes, que tiveram a oportunidade do deleite de observá-lo, no período em que o mesmo lá se encontrava, guardam-no nas suas memórias. Estivemos lá, eu e o Prof. Eduardo Machado, na ocasião em que colhemos algumas das imagens que compõem nosso arquivo com Naigleison Santiago e parte aqui expostas.

A terceira imagem a que procedemos à análise, a Figura 3, é, numa palavra, fenomenológica. A reprodução desse mural encontra-se no portal do Site do Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira, da FAGED/UFC. A intensa singularidade, dentre outras dimensões, dessa imagem é o suporte e o meio em que acontece a sua difusão. O aludido sítio virtual onde acessamos esse mural é do Laboratório Multimeios, o QG do Prof. Hermínio Borges Neto, atual Coordenador do aludido programa. (<http://hbn.multimeios.ufc.br/moodlepg/>). O portal do supracitado programa é espaço virtual onde circulam a história e a memória daquela pós-graduação. Lá encontramos as informações sobre as linhas de pesquisa e os seus eixos temáticos, corpo docente, bem como a recente produção de conhecimento do programa. O espaço virtual é acessado por diversos pesquisadores que buscam orientações diversas para suas pesquisas acadêmicas. E para, além disso, encontram a pedagogia de murais de Naigleison Santiago.

114

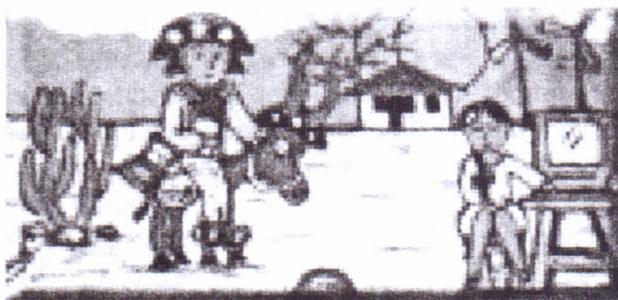


Figura 3 – Mural do Site Multimeios da FACE/UFC

Fonte: <http://hbn.multimeios.ufc.br/moodlepg/>

Observemos a paciência do olhar de Maria Bonita, acessando os dados ao dedilhar o teclado do microcomputador e compartilhando seu mundo e absorvendo os de outros. E a imagem do Lampião montado num

asno orelhudo, um jumento nosso irmão, nos dizer de Padre Vieira, na voz de Luiz Gonzaga – o eterno Rei do Baião. Reparemos a doce selvagem guerreira Maria Bonita ao lado do seu microcomputador, plugada com a história do seu mundo. Personagens, história e imagens que os imortalizam noutra dimensão. Mito e Ciência na encruzilhada do espaço-tempo. Um mandacaru coabita e enfrenta um sol majestoso que assinala a noção cíclica da história, as estações da seca e inverno, os lugares imagéticos de memórias, as periodizações seletivas e os retornos demarcados. Passado, presente e futuro reabrem-se e misturam-se com a potência imagética do mural. Um cangaceirismo-estético virtual numa estética poética pujante. Uma cosmovisão abrangente de sentidos e hermenêutica. Os diálogos entre as periodizações numa poesia de imagens exuberantes.

Aqui, registre-se que pensamos em realizar uma enquete junto ao público usuário do sítio. Todavia, outros trabalhos nos deixaram sem o tempo e a disposição para realizá-la. É preciso aceitarmos nossos limites e fôlegos. Retornaremos em breve, na refazenda da pesquisa, no retorno à matriz após filiais. Logo voltaremos ao lar, paredes e muros e ao ofício prazeroso de aprendiz historiador, se nos for possível.

A Câmera Aberta e o Arremate

A análise preliminar sobre a dimensão sócio-histórica, educativa e formadora dos murais de Naigleison Santiago aponta já para o papel diferencial desses espaços da Universidade Federal do Ceará. Os dados preliminares da pesquisa exploratória balizam para as evidências de uma pedagogia de murais que tem, em Naigleison Santiago, um dos seus expoentes. Uma pedagogia de murais que repousa no princípio pedagógico que reúne arte e ciência, no compartilhar saberes, práticas, ofícios e ludicidades.

Ademais, nos domínios da cultura *web* e no que respeita aos usuários daquela cultura imagética, parece-nos, pois, relevante destacar as distinções entre os usos e funções que os murais adquirem nesses três espaços de formação da Universidade Federal do Ceará. Sem embargo, a dimensão lúdico-estética dessa pedagogia de murais contribui significativamente para a livre docência, bem como, ao Humanismo do *campus* do Benfica e do seu entorno. E para, além disso, uma dimensão virtual-real, suas provocações investem em áreas distintas das Ciências e as deixam repletas de Etnocenologia.

A imagem do primeiro mural (Figura 1), no hall de entrada da Faculdade de Educação Universidade Federal do Ceará, o lugar de memórias preferencial de proporcionar saberes múltiplos, assinala um território da escola no litoral numa perspectiva lúdica e estimulante de memórias de uma infância próxima de todos. A segunda imagem (Figura 2) o mural produzido no Pátio de História, no entorno dos cursos de História, Psicologia e Comunicação Social, sublinha o estilo do “cangaceirismo estético” do artista plástico em foco. A terceira imagem em foco nesta comunicação (Figura 3), o mural apostado no site <http://hbn.multimeios.ufc.br/moodlepg/>, reitera o estilo estético, porém noutra suporte: o virtual. Um território de múltiplos olhares e possibilidades pedagógicas, dado o seu acesso de natureza exponencial.

Os trabalhos de Naigleison Santiago, como observávamos, foram expostos em suportes diversificados. Podemos encontrá-los em capas de livros, em camisas diversas, nas paredes de gabinetes de professores, em murais pelo Benfica, os quais se enfocam nesta comunicação. Observa-se, portanto que, no percurso da sua trajetória, nos traços do historiador-pictórico Naigleison Santiago, que ele já é história do tempo presente, posto que já escreveu sua marca por onde passou e, sobretudo, formulou e desenvolveu sua pedagogia com os diálogos constantes e intempestivos. E segue a Humanidade.

Bibliografia

ARGAN, Giulio Carlo. *Arte moderna: do iluminismo aos movimentos contemporâneos*. Tradução Denise Bottmann, Frederico Carotti; prefácio Rodrigo Naves. São Paulo: Companhia das Letras, 1993. xxiv, 709 p., il. Color.

BIÃO, Armindo & GREINER, Christine (Orgs). *Etnocenologia: textos selecionados*. São Paulo: Annablume, 1999.

CALIXTO, F.J.S. *Acerca da capa: Naigleison Santiago um ‘cangaceirístico-pintor’ do tempo presente*. 2ª orelha. In: VASCONCELOS, J.G. & MAGALHAES JÚNIOR, A.G. (Org). *Linguagens da História*. Fortaleza, Impreca, 2003. (Coleção diálogos Intempestivos, nº. 7)

CALVINO, Ítalo. *Seis lições para o próximo milênio*. Tradução Ana Feitosa. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

CARDOSO, C.F. & MAUAD, A.M. História e Imagem: os exemplos da fotografia e do cinema. In: CARDOSO, C.F. & VAINFAS (Orgs). *Domínios da história: ensaios de teoria e metodologia*. Rio de Janeiro: Campus, 1997. p.401-417.

HOBSBAWM, Eric. *O presente como história*. In: HOBSBAWM, Eric. *Sobre a história*. Tradução Cid Knipel Moreira. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. [243-255]

_____. *Era dos Extremos: o Breve Século XX: 1914 – 1991*. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

NASCIMENTO FILHO, José Augusto. *Benfica*. In: *V Prêmio Ideal Clube de Literatura*. Fortaleza: Imprensa Universitária, 2002. p.43-45.

VASCONCELOS JÚNIOR, Raimundo Elmo de Paula. *Quem é de Benfica: o bairro como lugar da sociabilidade e espaço das práticas de resistência*. Dissertação de Mestrado em Geografia. Fortaleza: Edição do Autor, 1999.

VASCONCELOS, José Gerardo. *Espetáculo da História: vozes, registros e arquivos sobre Manoel Henrique Pereira, vulgo Besouro Cordão de Ouro*. In: VASCONCELOS, J.G. & MAGALHÃES JÚNIOR, A.G. *Linguagens da História*. Fortaleza: Imprepe, 2003. (Coleção Diálogos Intempestivos, 7)

Sites pesquisados:

<http://hbn.multimeios.ufc.br/moodlepg/> . Acesso em: 13/maio/2008

<http://www.demolliart.com/pt/murais/id2.htm>. Acesso em: 27/maio/2008

<http://pphp.uol.com.br/tropico/html/textos/956,1.shl>. Acessado em 09/06/2008

Notas

- ¹ Texto produzido durante a Disciplina História, Memória e Imagem, ministrada pelos Professores Doutores, Gerardo Vasconcelos e Rogério Duarte, no Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira, em 2008.1.

- 2 Apud CARDOSO, C.F. & MAUAD, A.M. História e Imagem: os exemplos da fotografia e do cinema. In CARDOSO, C.F. & VAINFAS (Orgs). *Domínios da história: ensaios de teoria e metodologia*. Rio de Janeiro: Campus, 1997. p.401.
- 3 Christine Greiner (1999), na apresentação dos textos selecionados relativos à Etnocologia, observa que: "Pela sua natureza complexa, a etnocologia abriga muitas propostas. Do ponto de vista metodológico, mapeia relações inter-teóricas em diferentes universos de conhecimento como os da Antropologia, das Ciências Cognitivas, da Estética, da Filosofia e assim por diante. A diferença está em como são trabalhadas essas relações envolvendo a análise de objetos das mais variadas áreas, do teatro à culinária, passando por manifestações populares, estudo do corpo e de rituais". Cf. BIÃO, Armindo & GREINER, Christine (Orgs). *Etnocologia: textos selecionados*: São Paulo: Annablume, 1999. Vide ainda, VASCONCELOS, José Gerardo. Espetáculo da História: vozes, registros e arquivos sobre Manoel Henrique Pereira, vulgo Besouro Cordão de Ouro. In: VASCONCELOS, J.G. & MAGALHÃES JÚNIOR, A.G. *Linguagens da História*. Fortaleza: Impreco, 2003. (Coleção Diálogos Intempestivos, 7)
- 4 Cf. <http://pphp.uol.com.br/tropico/html/textos/956,1.shl>. Acesso em: 09/jun./2.008
- 5 CALIXTO, F.J.S. *Memórias e narrativas: a política educacional da Administração Popular de Fortaleza (1986 – 1988)*. Fortaleza: Edição do Autor, 2002. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira, sob o amparo da FUNCAP.
- 6 Vide CALIXTO, F.J.S. *Acerca da capa: Naigleison Santiago um 'cangaiceirístico-pintor' do tempo presente (2ª orelha)*. In: VASCONCELOS, J.G. & MAGALHAES JÚNIOR, A.G (Orgs.). *Linguagens da História*. Fortaleza, Impreco, 2003. (Coleção diálogos Intempestivos, nº. 7)
- 7 NASCIMENTO FILHO, José Augusto. *Benfica*. In: V Prêmio Ideal Clube de Literatura. Fortaleza: Imprensa Universitária, 2002. p.45
- 8 VASCONCELOS JÚNIOR, Raimundo Elmo de Paula. *Quem é de Benfica: o bairro como lugar da sociabilidade e espaço das práticas de resistência*. Dissertação de Mestrado em Geografia. Fortaleza: Universidade Estadual do Ceará, 1999. Edição do Autor. [Resumo]
- 9 O Projeto Historiando é uma pesquisa-ação desenvolvida nos bairros e comunidades de Fortaleza pelos historiadores Alexandre Gomes,

João Paulo Vieira Neto e Naigleison Santiago, com levantamentos dos registros históricos dos sujeitos e lugares pesquisados.

- ¹⁰ Comentário escrito de uma aluna da disciplina de História da Educação I. Semestre 2003.1. Naquela ocasião solicitei daquela turma que circulasse pelos corredores e tecessem comentários sobre as diversas pinturas.
- ¹¹ Entrevista realizada no 1º semestre de 2008 em um dos bosques da Universidade Federal do Ceará.
- ¹² Com a reforma arquitetônica da Área-2 do Campus do Benfica, a parede onde se encontrava o mural foi ao chão. Todavia seus registros foram guardados em outros arquivos com o auxílio da instrumental da fotografia digitalizada.